

**NÃO DEIXE MORRER MINHA ESPERANÇA: A EXPERIÊNCIA DO MEBIC E AS
CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR**

**DON'T LET MY HOPE DIE: MEBIC'S EXPERIENCE AND PAULO FREIRE'S
CONTRIBUTIONS TO POPULAR EDUCATION**

**NO DEJES MORIR MI ESPERANZA: LA EXPERIENCIA DE MEBIC Y LAS
CONTRIBUCIONES DE PAULO FREIRE A LA EDUCACIÓN POPULAR**

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis ¹

Tatyanne Gomes Marques ²

Adenilson Souza Cunha Júnior ³

RESUMO:

Este texto tem por finalidade apresentar um pouco da história do Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica (MEBIC), identificando o contexto sócio-político, abordagens teóricas e práticas pedagógicas. O projeto parte do seguinte pressuposto: “Alfabetizar é conscientizar-se, é aprender a escrever a vida, como autor e como testemunha da história, é biografar-se, é existir-se, é historicizar-se” (FREIRE, 1989). Concebe a alfabetização não apenas como a aquisição do domínio da leitura e da escrita, mas como o desenvolvimento da capacidade de usar essas habilidades no âmbito pessoal e coletivo. Os dados empíricos analisados neste artigo são resultados de diferentes pesquisas que compõem o Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE-CNPq). A compreensão dos dados fundamenta-se nos pressupostos da abordagem qualitativa. Do ponto de vista técnico-metodológico, utilizou-se análise documental, observação e entrevistas, visando apresentar os perfis e os saberes construídos na-pela experiência na EJA. Os/as educandos/as do MEBIC têm um bom desempenho na oralidade, mas muita dificuldade e medo de escrever; enfatizam o tempo todo que não sabem escrever, que seu texto tem muitos erros e parecem morrer de vergonha no momento de expor seus conhecimentos acerca da língua escrita. Além disso, esperam encontrar escolas que sejam acolhedoras e cuja organização do trabalho pedagógico seja acessível a eles e satisfaça as necessidades do/a trabalhador/a. Esperam ainda que a escola possa educá-los/as, ou seja, emancipá-los/as pelo saber, integrar e praticar uma política ativa de justiça social e cognitiva em benefício, principalmente, dos que são pouco escolarizados/as.

¹ Doutora em Educação pela FAE/UFMG. Professora no Departamento de Educação – DEDC XII da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Guanambi – Bahia – Brasil. Líder do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/Uneb) membro da linha de pesquisa em Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UESB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9391155498685665>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0129-0719>. E-mail: smoliveira@uneb.br

² Doutora em Educação pela FAE/UFMG. Professora no Departamento de Educação – DEDC XII da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Guanambi – Bahia – Brasil. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/Uneb) onde coordena a linha de pesquisa em Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UESB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6540344146598584>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3076-3220>. E-mail: tmarques@uneb.br

³ Licenciado em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação (UFMG). Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos GRUPEJA-UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3622-1799>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2046813448859972> E-mail: adenilsoncunha@uesb.edu.br.

Palavras-chave: MEBIC. Educação Popular. EJA. Paulo Freire

ABSTRACT:

This text aims to present a bit of the history of the Basic Education Movement of Catholic Initiative (MEBIC), identifying the socio-political context, theoretical approaches and pedagogical practices. The project is based on the following assumption: “To alphabetize is to become aware, it is to learn to write life, as an author and as a witness of history, it is to biograph oneself, it is to exist, it is to historicize oneself” (FREIRE, 1989). Literacy is conceived not only as the acquisition of mastery of reading and writing, but also as the development of the ability to use these skills in a personal and collective scope. The empirical data analyzed in this article are the results of different studies that make up the Paulo Freire Educational Research and Extension Studies Center (NEPE-CNPq). Understanding the data is based on the assumptions of a qualitative approach. From a technical-methodological point of view, documental analysis, observation and interviews were used, aiming to present the profiles and knowledge built in-by the experience in EJA. MEBIC students have a good performance in speaking skills, but with great difficulty and fear of writing; they emphasize all the time that they do not know how to write, that their text has many errors and seem to die of shame when it comes to exposing their knowledge of written language. Furthermore, they hope to find schools that are welcoming and whose organization of pedagogical work is accessible to them and meets the needs of the worker. They also hope that the school can educate them, that is, emancipate them through knowledge, integrate and practice an active policy of social and cognitive justice for the benefit, mainly, of those with little education.

Keywords: MEBIC. Popular Education. EJA. Paulo Freire

RESUMEM:

Este texto tiene como objetivo presentar un poco de la historia del Movimiento de Educación Básica de Iniciativa Católica (MEBIC), identificando el contexto sociopolítico, enfoques teóricos y prácticas pedagógicas. El proyecto parte del siguiente supuesto: “Alfabetizar es tomar conciencia, es aprender a escribir la vida, como autor y como testigo de la historia, es biografiarse, es existir, es historizarse” (FREIRE, 1989). La alfabetización se concibe no solo como la adquisición del dominio de la lectura y la escritura, sino también como el desarrollo de la capacidad para utilizar estas habilidades en un ámbito personal y colectivo. Los datos empíricos analizados en este artículo son el resultado de diferentes estudios que integran el Centro de Estudios de Extensión e Investigación Educativa Paulo Freire (NEPE-CNPq). La comprensión de los datos se basa en los supuestos de un enfoque cualitativo. Desde el punto de vista técnico-metodológico, se utilizó el análisis documental, la observación y las entrevistas, con el objetivo de presentar los perfiles y conocimientos construidos por la experiencia en EJA. Los estudiantes de MEBIC tienen un buen desempeño en el habla, pero hay mucha dificultad y miedo a la escritura; enfatizan todo el tiempo que no saben escribir, que su texto tiene muchos errores y parecen morir de vergüenza al exponer sus conocimientos del lenguaje escrito. Además, esperan encontrar escuelas que sean acogedoras y cuya organización del trabajo pedagógico les sea accesible y satisfaga las necesidades del trabajador. También esperan que la escuela pueda educarlos, es decir, emanciparlos a través del conocimiento, integrar y practicar una política activa de justicia social y cognitiva en beneficio, principalmente, de quienes tienen poca educación.

Palabras clave: MEBIC. Educación Popular. EJA. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

A reflexão que expomos objetiva apresentar um pouco da história do Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica (MEBIC), destacando o perfil de seus participantes, o contexto sócio-político, abordagens teóricas e práticas pedagógicas.

O Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica (MEBIC) é um projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos que atende avas pessoas, a partir dos 16 anos de idade, ainda não alfabetizadas. Funcionava nos salões comunitários da Paróquia de Santo Antônio, município de Guanambi/BA, desde março de 1996 (REIS, 2009).

O MEBIC realiza um trabalho de alfabetização fundamentado nos princípios teórico-metodológicos da pedagogia libertadora defendidos por Freire (1987). Estes consideram que a educação é, dentre outros aspectos: uma ação presente no processo de libertação do homem e da mulher por meio de sua humanização; uma práxis reflexiva sobre as pessoas, o mundo e a relação entre ambas na perspectiva da compreensão e da transformação; uma ação dialógica e problematizadora da realidade, na qual as temáticas discutidas são contextualizadas, repletas de significados provenientes das necessidades reais do/a educando/a. Em síntese, a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire vislumbra uma educação que não se sobreponha aos conhecimentos culturais e cotidianos do sujeito, mas que, agregando-se a eles, potencialize a produção de novos saberes a partir da identificação do aluno como partícipe ativo do processo de aprendizagem.

O intuito do MEBIC é possibilitar aos sujeitos usos das práticas sociais da leitura e da escrita, oferecendo-lhes instrumentos para se inserirem plenamente na sociedade grafocêntrica, ditada pelos códigos da escrita. Tais ferramentas são voltadas para a realização de leituras diversas, desde a *leitura da realidade em seu entorno*, até o contato com diversos textos que compõem esta sociedade. Como afirma Freire (1989), é essa leitura de mundo que antecede e perpassa a própria leitura da palavra. Fundamentado no paradigma da educação popular, o MEBIC estabelece, como princípios, a construção plena da cidadania e a transformação da realidade.

A pesquisa foi realizada no Projeto de Educação Popular MEBIC da Paróquia de Santo Antônio, município de Guanambi/BA. A compreensão dos dados fundamenta-se nos pressupostos da abordagem qualitativa (FLICK, 2004). A coleta de dados ocorreu por meio da

observação e do acompanhamento de atividades escolares de alfabetização de jovens e adultos, de planejamento e estudos das educadoras populares do MEBIC. Além do registro em diário de campo, realizamos entrevistas com 10 educandos/as, com as educadoras populares e com a coordenadora. Foram analisados documentos (relatórios anuais, cadernos, livro de atas, fichas de identificação dos/as educandos/as e outros) no período de 1996 até 2019 visando conhecer o perfil dos/as educandos/as e discutir os motivos que levam o jovem e adulto a buscar a escolarização, a permanecer nela e/ou abandoná-la.

No texto que desenvolvemos a seguir, procuramos expor referências históricas e pedagógicas do MEB⁴ e do MEBIC⁵ a partir da análise de documentos. Com base no diálogo que realizamos por meio de entrevistas com os/as educandos/as do MEBIC, apresentaremos de forma sucinta o perfil de homens e mulheres que buscam a boniteza de aprender e ensinar no MEBIC.

MEB e MEBIC: referências históricas e pedagógicas

O Movimento de Educação de Base (MEB) é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, constituído como sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal. Foi fundado em 21 de março de 1961. Tem por missão a promoção integral, humana e cristã de jovens e adultos, desenvolvendo programas de educação de base⁶.

Fávero (2006) faz uma análise da prática educativa desse organismo no período de 1961/1966. O autor diz que os movimentos de cultura e educação popular, nascidos no início dos anos de 1960, operam um salto qualitativo em relação às campanhas e mobilizações governamentais contra o analfabetismo de jovens e adultos ou à educação rural dos anos de 1940 e 1950. São propostas *qualitativamente* diferentes das ações anteriores. E o que as faz radicalmente diferentes é o compromisso explicitamente assumido em favor das classes populares, urbanas e rurais, além do fato de orientarem sua ação educativa para uma ação política. Uma geração de jovens vindos da Ação Católica, principalmente de seus ramos estudantil e universitário, colaboraram na criação desses movimentos e lidera vários deles.

Para o autor, a criação do MEB expressa o deslocamento da Igreja Católica institucional em direção às classes populares. No entanto, a proposta e as práticas iniciais do MEB, oriundas

⁴ Movimento de Educação de Base (FÁVERO, 2006)

⁵ Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica.

⁶ Disponível em: <<http://www.meb.org.br>> Acesso em 18 mar. 2021.

de experiências anteriores realizadas em estreita colaboração com o Estado, são bastante tradicionais. Após dois anos de experiência, por exigência da própria prática e por influência daquela geração, o MEB redefiniu seus objetivos e reviu sua metodologia, tendo em vista uma nova opção ideológica, sintetizada na conscientização. Em decorrência, deu nova dimensão à educação de base, nucleou o trabalho com as escolas radiofônicas e, apesar da crise provocada pelo Golpe Militar de 1964, continuou o trabalho de alfabetização ampliando o contato direto com as classes populares, na perspectiva de uma verdadeira pedagogia da participação popular e continuou o trabalho de alfabetização. Nas décadas de 1980 e 1990, o MEB realizou ações diretas de educação de base em diversas dioceses do Nordeste do país, inclusive na diocese de Caetité-BA⁷.

No caso da diocese de Caetité-BA, é possível afirmar que em 1994 deixou de priorizar as atividades do MEB e transferiu a responsabilidade às paróquias. Assim, em 1996, uma comunidade de religiosas assumiu a alfabetização de jovens e adultos no município. Foi a partir daí que passou-se a chamar o Projeto de MEBIC (Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica). Segundo relatos em ata (1996) e informações de Maria⁸, coordenadora do MEBIC, essa sigla surgiu em reunião com os/as educandos/as quando um deles disse que só não era do MEB o financiamento, porque os custos eram assumidos pelas Irmãs Pequenas Filhas de São José, mas os princípios metodológicos continuavam os mesmos. Daí sugeriram acrescentar duas letras (IC) em MEB, por ter sido assumido pelas irmãs.

Na sequência, lideranças das CEBs, representantes de movimentos sociais, educandos/as e educadores/as populares da paróquia de Guanambi– BA, preocupados/as com a continuidade do Projeto Popular de Alfabetização de Jovens e Adultos, reuniram-se e fundaram, em 2002, a Associação Brotando Vida⁹. Desse modo, assumiram os Projetos de Educação Popular que atuavam com jovens, adultos e idosos não alfabetizados.

Como o MEB, o Projeto MEBIC realiza o trabalho de alfabetização por meio do método das CEBs “Ver, Julgar e Agir” e dos princípios teórico-metodológicos da pedagogia libertadora¹⁰. O intuito é possibilitar aos sujeitos usos das práticas sociais da leitura e da escrita,

⁷ A Diocese de Caetité-BA foi criada em 20 de outubro de 1913, possui uma área de 41.740 km², tem um total de 26 paróquias. Localiza-se na microrregião da Serra Geral. Sua sede está situada a 757 km da capital do Estado, a 45 km de Guanambi e 74 km de Candiba. A população está estimada em 708 mil habitantes, dos quais noventa por cento se consideram católicos.

⁸ Aqui se utilizam nomes fictícios de modo a preservar a identidade dos/as colaboradores/as da pesquisa.

⁹ Desde 2003, a Associação Brotando Vida está desenvolvendo o seu trabalho/atendimento social através dos seguintes Projetos: a) Projeto Monte Pascoal e Sol Nascente - reforço escolar e acompanhamento de crianças/adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social; b) Projeto MEBIC - alfabetização de jovens e adultos; c) Projeto Tempero Verde - reforço escolar e cursos profissionalizantes para adolescentes e jovens; d) Casa de Acolhida – acolhe acompanhantes de doentes carentes e gestantes que vêm do interior do município ou de cidades vizinhas; e) Projeto Crescer Juntos - esporte, lazer, artesanato, diversas atividades lúdicas, contação de histórias para crianças/adolescentes e senhoras; f) Cesta Básica – Recebem doativos e distribuem para famílias carentes dos bairros de Guanambi; g) Coleta seletiva do lixo e distribuição para um grupo de catadores de papel.

¹⁰ O MEBIC, em seu Projeto Político-Pedagógico, chama de Pedagogia Libertadora a prática pedagógica baseada em princípios defendidos por Freire, tais como: a educação como ação presente no processo de libertação do homem através da sua humanização; a educação como

oferecendo-lhes instrumentos para inserirem-se plenamente na sociedade grafocêntrica, dos códigos da escrita, para leituras diversas, desde a *leitura do mundo*, da realidade em seu entorno, até a leitura dos diversos textos que compõem este mundo. Como afirma Freire (1989), é esta leitura de mundo que antecede e perpassa a própria leitura da palavra. Fundamentado no paradigma da educação popular, o MEBIC estabelece, como princípios, a construção plena da cidadania e a transformação da realidade.

De acordo com o Relatório Síntese do MEBIC (2004), em decorrência da ausência do Estado na oferta de escolarização para pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram oportunidade de estudar quando crianças, são os indivíduos que assumem a garantia do direito a alfabetização. Nesse contexto, o referido relatório descreve que a realização e a manutenção das atividades do MEBIC ocorrem, exclusivamente, por meio de doações: recursos oriundos da comunidade externa (Itália) e da comunidade local (Guanambi). São vários os argumentos que justificam a criação do MEBIC pela Paróquia de Santo Antônio. Do ponto de vista legal, podem-se destacar: a Declaração Universal de Direitos Humanos (ONU, 1948), a Constituição Federal de 1988 (art. 208, I), que estendeu aos jovens e adultos o direito à educação fundamental; a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) 9394/96 (art. 5.º e art. 37.) que assegura o acesso e a continuidade de estudos aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar quando criança.

Outro argumento justifica a criação do Projeto de Educação de Jovens e Adultos *MEBIC* pela Paróquia de Santo Antônio: a efetiva demanda dos alunos pela Educação de Jovens e Adultos no Município, devido à carência de escolas¹¹, na década de 1990, que oferecessem essa modalidade de ensino (Relatório MEBIC, 2000). Guanambi, nas últimas décadas, tornou-se um grande centro comercial da região, com uma população de quase oitenta mil habitantes. A cidade chama a atenção também pelas diversas instituições de ensino que concentram pessoas de vários municípios circunvizinhos¹². Mas, com todos os avanços da tecnologia, há ainda pessoas que não sabem assinar o nome por terem sido excluídas pelo sistema escolar e pela necessidade de sobrevivência. Lamentável é que, mesmo conhecendo a realidade do analfabetismo em Guanambi, no município, até o ano de 2005, não havia política pública de

práxis reflexiva sobre o homem, o mundo e a relação entre ambos na perspectiva de compreensão e transformação; a educação como ação dialógica e problematizadora da realidade, na qual os conteúdos não sejam palavras mortas, mas contextualizados e significados pelas necessidades reais do educando; uma educação, enfim, que não se sobreponha aos saberes culturais e cotidianos do sujeito, mas que, agregando-se a eles, potencialize o sujeito a produzir novos saberes, reconhecendo-o partícipe ativo do processo de aprendizagem.

¹¹ Conforme documentos da SMED, a oferta de Educação de Jovens e Adultos no município de Guanambi iniciou-se a partir de 2002.

¹² No final da década de 1990, tornou-se um *polo* comercial na região. A cidade possui cinco agências bancárias (Caixa Econômica Federal, Bradesco, Itaú, Banco do Brasil e Banco do Nordeste), agência dos Correios, serviços de telefonia fixa e móvel, emissoras de rádio, canais de TV em sinal aberto, jornais de circulação interna, provedores de Internet, hospitais públicos e privados, universidades públicas e privadas, escolas, igrejas, etc.

EJA.

Não deixar morrer minha esperança, esse é o espírito do projeto MEBIC, sugerido pelos próprios jovens e adultos beneficiados pelo trabalho. São essas pessoas de 15 a 80 anos que trazem a esperança no peito, marcadas pela dor, pela luta e pelo sofrimento e ainda sonham e desejam algo diferente para suas vidas. Muitas vezes, esse grito é sufocado por problemas como a timidez, autoestima em baixa, falta de confiança em si mesmas e exclusão. Foram essas as motivações que levaram pessoas sensíveis às questões educacionais a interessarem-se pelo assunto e engajarem-se nessa luta para oferecer aos jovens e adultos a oportunidade que lhes foi negada quando crianças. Por essa razão, em 1996, em Guanambi, nasceu o MEBIC.

Um fragmento da carta escrita pela Ir. Leonídia (Pequenas Filhas de São José) apresenta um pouco da história da alfabetização de pessoas jovens e adultas no MEBIC:

[...] É com o coração cheio de alegria que escrevo algumas reflexões sobre o começo do projeto de alfabetização de jovens, adultos e idosos que começou no Bairro Alto Caiçara no ano de 1996 (primeiras atividades). Vendo como tantos jovens e adultos precisavam aprender a ler e escrever, tivemos a oportunidade, com a ajuda de pessoas generosas, de construir algumas salas para o povo ter um lugar confortável para estudar (...). Quem compartilhou de perto deste projeto não pode esquecer o olhar brilhante de homens e mulheres, já de idade bem avançada, que conseguiram ler e escrever o próprio nome e as primeiras letras do alfabeto. Tudo isso depois de um duro dia de trabalho debaixo do sol quente do sertão. Eu tive a sorte de colher lágrimas de alegria por eles terem superado o medo, a insegurança, o preconceito de tornar-se grandes alunos nos bancos da escola.

Muitas destas pessoas conseguiram se alfabetizar e algumas conseguiram dar continuidade aos estudos na escola pública e ingressar no ensino médio. Não é esta uma grande conquista e sonhos realizados? Agradecemos a todas as pessoas que souberam doar algo de si, para que outros irmãos pudessem descobrir os valores e os dons que têm! (Ir. Leonídia, dezembro de 2006).

O projeto *MEBIC* parte do seguinte pressuposto: “Alfabetizar é conscientizar-se, é aprender a escrever a vida, como autor e como testemunha de sua história, é biografar-se, é existenciar-se, é historicizar-se” (FREIRE, 1987, p. 10). Como Paulo Freire, esses/as educadores/as concebem a alfabetização não apenas como a aquisição do domínio da leitura e da escrita, mas como o desenvolvimento da capacidade de usar essas habilidades no âmbito pessoal e coletivo, com vistas à construção de uma sociedade diferente desta que aí está.

O Projeto MEBIC visa possibilitar ao/à educando/a jovem e adulto, por meio do processo construtivo, a ampliação do próprio conhecimento. Tal processo se dá pela intervenção sistemática do/a próprio/a educador/a e da vivência com os colegas, numa relação dialógica.

Seus objetivos são:

- a) facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita ao mesmo tempo em que os/as educandos/as se conscientizem da sua condição de sujeitos históricos e culturais, capazes de construir sua própria autonomia dentro das relações de produção local e global;
- b) incentivar atividades que envolvam a leitura e a escrita, visando a oferecer outras fontes de informação que não sejam somente de cunho oral;
- c) alfabetizar jovens e adultos por meio de um processo que os ajude a se tornarem cidadãos críticos, ativos e participativos dentro da própria comunidade;
- d) alfabetizar jovens e adultos das camadas populares;
- e) desenvolver e apoiar atividades de mobilização, integrando escola e comunidade, através das instituições: igrejas, escolas públicas, associação de moradores, fundações, Comunidade Eclesial de Base e outras;
- f) proporcionar aos alfabetizadores momentos de reflexão, estudo e planejamento de ações para a melhoria de seu fazer pedagógico em relação à educação de pessoas jovens e adultas;
- g) avançar na discussão e em práticas educativas sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas.¹³

Desde o ano de 1997, são atendidos, anualmente, pelo referido projeto aproximadamente 135 jovens e adultos provenientes dos bairros periféricos: Alto Caiçara, Brasília, Belo Horizonte, Lagoinha e adjacências da cidade de Guanambi-BA, com idade entre 15 e 80 anos. Segundo a coordenadora do MEBIC, os/as educandos/as poderiam ter se matriculado na escola da rede municipal, mas preferiram não o fazer, pois se sentiam melhor no MEBIC. Vários alunos residem mais distantes do local onde funciona o MEBIC do que da escola. Segundo a coordenadora, essa distância não é geográfica, pode ser social, cultural e entre gerações.

De acordo com relatório do MEBIC (2007), os/as participantes do projeto apresentam bom desempenho em termos de oralidade, mas muita dificuldade e medo de escrever; enfatizam o tempo todo que não sabem escrever, que seus textos contêm muitos erros e parecem morrer de vergonha quando têm de expor seus conhecimentos acerca da língua escrita. Nesse momento, percebemos o quanto esses alunos internalizaram mitos como: a idade interfere na aprendizagem, a pessoa de pouca instrução não é inteligente, *papagaio velho não aprende*

¹³ Essas informações foram extraídas do Projeto Político-Pedagógico do MEBIC, ano de 2004.

língua, entre outros. Nessa direção, Galvão e Di Pierro abordam que

as práticas educativas realizadas junto àqueles que não sabem ler nem escrever têm que considerar, de maneira contundente, que o jovem ou adulto analfabeto não é incapaz, não é ‘puro’ ou ingênuo, nem é uma criança crescida. O analfabeto é produtor cotidiano de riqueza material e cultural e não ignorante do saber. Nesse sentido, é preciso conhecer mais profundamente o que sabem, o que pensam e como aprendem os jovens e adultos em processo de escolarização. (GALVÃO E DI PIERRO, 2007. p. 99)

Compreendemos que os/as jovens e adultos voltam à escola em busca *do resgate do tempo perdido* e demonstram necessidades específicas. Os não-alfabetizados voltam, principalmente, para aprender a escrever o próprio nome e retirar de seu documento de identidade o nome *analfabeto*. Para Galvão e Di Pierro (2007, p. 66), “a capacidade de executar com autonomia a própria assinatura representa, assim, a superação do estigma que acompanha o analfabeto em sua vida e simboliza o passaporte de acesso à cultura letrada dominante na sociedade”. Outros/as querem aprender a ler para participar da vida escolar dos/as filhos/as e dos netos/as, ajudando-os/as nas tarefas escolares.

Perfil de homens e mulheres que buscam a boniteza de aprender e ensinar no MEBIC

Com base nos dados coletados, por meio das respostas dadas aos questionários aplicados no ato da matrícula e pela consulta aos relatórios e fichas individuais preenchidas desde o ano de 1996, identificamos dos alunos que já estudaram no MEBIC as seguintes características: 59% dos estudantes do MEBIC não eram alfabetizados e 41% na etapa da pós-alfabetização (menos de três anos de escolarização quando criança). Em relação à faixa etária, a presença de jovens é quase inexistente. Isso se explica pelo fato de o MEBIC atender a um público que nunca frequentou a escola ou nela permaneceu pouco tempo. Geralmente essas características atingem apenas setores da população com mais idade e regiões pobres ou de difícil acesso, onde a oferta de escolaridade é ainda pequena e/ou as condições para frequência são limitadas.

No caso de Guanambi, segundo informações da coordenação do MEBIC, os/as jovens, quando não são alfabetizados/as ou são pouco escolarizados/as, procuram o projeto, mas à medida que se alfabetizam, se sentem encorajados/as e motivados/as a continuar nas escolas da rede municipal, estadual e federal que ofertam a EJA, enquanto os/as idosos/as resistem em deixar o MEBIC para prosseguir os estudos no sistema formal de ensino. Nesse sentido, Arroyo

(2001, p. 122) destaca que “vendo os educandos apenas como discentes, como alunos, não daremos conta da totalidade de suas existências, nem dos tensos processos sociais e culturais em que se formam ou deformam”. O citado autor completa que é preciso: “reeducar o olhar docente para ver os educandos e educandas em suas trajetórias não apenas escolares, mas também de vida, sua condição de sujeitos sociais e culturais, de direitos totais” (ARROYO, 2001, 121).

A educadora Sara esclarece o seguinte:

A maioria dos educandos que frequentam o MEBIC tem mais de 30 anos. Tive um educando de 19 anos, mas ele ficou pouco tempo na sala de aula, logo teve que ir embora para outro município, mas se deu muito bem com a turma. Eu admirei o entrosamento dele com os colegas. Todos gostavam dele. Ele tinha um respeito tão grande pelas pessoas mais velhas, até pedia a bênção [...]. O maior desafio é para o educador, que tem que evitar que o jovem fique ocioso na aula, porque fazem as atividades com maior rapidez enquanto que os idosos necessitam de um tempo maior, pois são mais lentos. O tempo do idoso é diferente do tempo do jovem, os idosos necessitam de tranquilidade, calma, se forem apressados, ficam apavorados, não conseguem fazer nada, então o segredo é não pressionar, tem que ter paciência [...].

A esse respeito, Silva e Lima (2007) pontuam que, de modo geral, os/as jovens, em situação escolar, desenvolvem comportamentos que exigem atenção específica e cuidados diferenciados daqueles/as que se dedicam à escolarização de adultos e idosos. A constatação da presença de educandos/as de diferentes gerações na sala de aula - jovens, adultos e idosos - e a implicação desse quadro no processo pedagógico mostram a importância do aprofundamento dos conhecimentos acerca da inserção do jovem na Educação de Jovens e Adultos.

Com efeito, do total de alunos do MEBIC, 79% são mulheres e 21% são homens. Em relação à origem dos adultos e idosos, 55% não nasceram em Guanambi e 45% são guanambienses. Desses sujeitos, 30 migraram de comunidades rurais do interior do município. Isso sinaliza um dos aspectos demarcadores de desigualdade de escolarização relativamente à questão geográfica. A diferença entre campo e cidade: nos contextos rurais encontram-se os maiores índices de analfabetismo e o que Marques (2019) denomina de negação do direito à escola na roça.

Os motivos que levaram os adultos e idosos a mudarem para Guanambi são os mais variados: necessidade de trabalho em decorrência da seca; casamento; tratamento médico; medo da violência nos territórios rurais; acompanhar filhos que vieram para a cidade estudar e trabalhar; problemas familiares; dificuldades da vida na roça (falta água, falta energia, falta

segurança, falta trabalho); desapropriação por conta da construção da barragem do Poço do Magro e outros.

Apesar de o Projeto MEBIC ser de iniciativa católica e funcionar em espaços comunitários cedidos pela Igreja Católica, observamos uma diversidade de vínculos religiosos e crenças no MEBIC. O depoimento de Senhor Pedro (58 anos, pós-alfabetização) revela um pouco como a diversidade é vivida nesse espaço:

Eu sou Diácono (quase pastor) da igreja Assembleia de Deus do bairro Alto Caiçara e aluno do MEBIC. Comecei a estudar depois de 40 anos. Eu morava na roça de outro município e vim pra Guanambi pra trabalhar. Meus filhos ficaram sabendo do Projeto MEBIC que funciona na igreja do bairro Alto Caiçara e me incentivaram a estudar pra eu aprender pelo menos o meu nome e, quem sabe, ler a Bíblia. No início fiquei meio cismado porque sou crente e lá era uma coisa oferecida pela Igreja Católica, mas mesmo assim eu fui ver como era, aí, eu fiquei surpreso com o tratamento e o respeito de todos. Uma coisa bonita é o respeito [...]. Antigamente era difícil dizer na escola que você era evangélico porque, infelizmente, havia preconceito e discriminação. Os evangélicos ficavam por fora de tudo porque não podia participar. No MEBIC a gente pode fazer apresentação em todos os eventos, virou uma união só, um sentido só. Todo mundo respeita o lado do outro, não vê ninguém ofendendo o lado do outro. Isso é muito bom, nos ensina a respeitar o diferente porque tem várias pessoas de muitas religiões aqui. (Pedro, 58 anos).

Nessa direção, segundo a coordenadora do MEBIC, ao ser elaborada a proposta pedagógica para a implantação do Projeto MEBIC em Guanambi, definiu-se que o ensino de religião, entendido como catequese ou pregação de determinada expressão religiosa, não deveria ocorrer no âmbito do MEBIC. O que é proposto pelo Projeto é o ensino de religiões, estudo de diversidades, exercícios de alteridade, pois, segundo ela, não deve ser feita defesa de uma religião em detrimento de outras, mas discutir princípios, valores, diferenças, tendo em vista a compreensão do outro. Na concepção da coordenadora, o respeito à diversidade é um dos valores mais importantes do exercício da cidadania.

De acordo com essa coordenadora, com a LDB 9394/96, temos o desafio de pensar a educação integral do ser humano. A dimensão religiosa é parte integrante do ser humano. Apostar em uma educação transformadora, que parte da pesquisa, das relações de poder, implica ir além da catequese e tornar a escola o lugar da pergunta e da pesquisa. A dimensão religiosa auxilia na reflexão sobre os limites e esperanças do ser humano.

Paulo Freire (1981) caracteriza a educação como uma prática que pode conduzir à libertação. Como tal, implica uma concepção de ser humano e de mundo. Como seres históricos, inseridos no tempo e não imersos nele, os seres humanos se movem no mundo, sendo capazes

de optar, de decidir, de valorar. A escola, a partir de Freire (1987), é o lugar da pergunta que instiga a busca e não a comunicação sobre um acontecimento. Trabalhar dessa forma exige, por parte dos/as educadores/as, humildade e coragem para se colocar no confronto quando o caminho epistemológico dos/as educandos/as assim o exigir. Exige, também, posicionamento ético e político; respeito ao saber e ponto de vista do outro.

A propósito, Gadotti e Romão (2000) afirmam que as condições de vida comprometem o processo de escolarização dos/as educandos/as jovens e adultos. Segundo os autores, as altas taxas de analfabetismo são decorrentes da estrutura social injusta. Isso está claro na fala de Adão (42 anos, pós – alfabetização):

A escola é onde aprendemos a ler e escrever e a nos comunicar com a sociedade de hoje [...]. Eu não estudei quando era criança porque meu pai não permitiu. Minha família era muito grande, então, pra não passar necessidade, meu pai pegava serviço nas fazendas e eu e meus irmãos íamos trabalhar para não passar necessidade, o pior, meu pai bebia muito e, às vezes, mesmo trabalhando bastante, nem o necessário a gente tinha [...]. Agora tenho dignidade pois tenho um bom trabalho, construí uma família maravilhosa e tenho oportunidade de estudar. [...] Sei que não recupero o tempo perdido e nem estou atrás disso, pois o importante é continuar aprendendo para trabalhar melhor, para saber conversar com as pessoas da sociedade e da igreja que frequento e, principalmente, para saber conviver e educar melhor meus filhos. (Adão, 42 anos).

Posto isso, a maioria dos educandos do MEBIC frequentou a escola, programas e campanhas de EJA antes de ingressarem no MEBIC. No entanto, a relação deles/as com a escola é marcada pelo insucesso ocasionado por fatores diversos. Os dados mostram que: para 34% dos/as educandos/as, a escolarização iniciou-se por volta dos 7 aos 14 anos; a maioria (66%) iniciou o processo de escolarização a partir dos 15 anos.

Segundo Dona Isabel, uma aluna do MEBIC, ela nunca havia frequentado a escola antes de ingressar nesse projeto, pois, quando criança e adolescente, trabalhava bastante na roça com os pais e, infelizmente, não tivera oportunidade de estudar. Há oito anos está frequentando o MEBIC e, de acordo com ela, aprendera escrever o nome quando foi se casar. Seu futuro marido, todas as noites, escrevia o nome dela numa folha e ela treinava, treinava... *Aprendi desenhar o meu nome e no dia do casamento, com muito pelear, eu assinei. Tive uma suadeira, fiquei com medo de não acertar, mas deu certo.* Relatou que, quando jovem, ouvira falar do MOBREAL e sentiu muita vontade de frequentá-lo, mas não foi possível, pois no período trabalhava como doméstica e a patroa não permitiu. Em relação à atitude dos patrões, revelou indignação: *Eu ficava com o coração doendo e os olhos cheio de lágrimas quando a patroa*

falava que eu não precisava de estudo, então, no silêncio me perguntava: por que ela, os filhos e o esposo estudavam? Contou que viera da roça para a cidade e morava na casa dos patrões, então, tinha que obedecer a eles e ressaltou: Hoje é diferente, no MEBIC eu aprendi os meus direitos, porque naquele tempo era só dever. A gente só servia para ser explorado.

Na entrevista, indagados/as sobre o que esperavam do MEBIC, os/as educandos/as responderam: para além da habilidade de ler e escrever melhor, esperam e desejam não esquecer o que aprenderam; a sociedade de Guanambi precisa conhecer o MEBIC e esperam que o MEBIC continue existindo. E, ainda, desejam ingressar na universidade da terceira idade¹⁴; esperam se libertar do preconceito, discriminação e principalmente da vergonha que sentem de não ter estudo; desejam aprender a se expressar melhor, vencer a timidez; continuar fazendo amizades e alimentar as que têm; esperam que os/as educadores/as continuem tratando os/as educandos/as com respeito e que o MEBIC seja reconhecido pelos governantes. Manifestaram, também, o desejo de melhores condições de trabalho para os/as educadores/as e solicitaram apoio para o Projeto. Por fim, esperam e desejam: *Não deixe morrer nossa esperança.*

Outro dado obtido por meio dos relatórios do MEBIC diz respeito ao número de filhos/as dos/as participantes: 92% dos educandos e educandas do MEBIC têm filhos/as. Nas conversas informais, no decorrer do período de observação e nas entrevistas, relataram-nos, constantemente, a preocupação com a qualidade e a continuidade dos estudos dos filhos e filhas. Nessa direção, em seus depoimentos, os adultos e idosos deixaram claro que a escola é uma instituição que merece ser respeitada e valorizada porque ela é a garantia de vida melhor. Reconhecem a importância da escola e a valorizam. Lamentaram não terem tido a oportunidade de estudar e não se conformam quando os/as filhos/as abandonam a escola.

Os diversos relatos, as fichas de identificação e os relatórios analisados indicam baixas taxas de escolarização dos/as filhos/as dos educandos do MEBIC, principalmente, dos/as adolescentes e dos/as jovens. Observamos que os motivos que contribuíram para que os/as filhos/as abandonassem a escola foram: distância da residência; mudança de bairro; nascimento de filho; casamento; mudança de cidade; problemas de saúde; conclusão da quarta série, conclusão da oitava série (já que poucos concluíram o ensino médio); alcoolismo; dificuldade de conciliar trabalho e escola; dificuldade de aprendizagem.

Durante a entrevista, ao perguntar o nível de escolarização dos filhos, a Dona Isabel (55

¹⁴ A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) é um programa de extensão universitária que atende a pessoas de ambos os sexos, de qualquer nível sócio educacional, cuja faixa etária seja igual ou superior a 60 anos. Para saber mais sobre a UATI e História de vida de idosos no ensino superior com percursos inesperados de longevidade escolar ver Reis; Meira e Moitinho (2018).

anos, pós-alfabetização) se emocionou e, assim, respondeu: *Fiz de tudo pra eles estudarem, mas, quando queriam uma coisa e eu não podia dar, meu coração ficava partido, então o jeito foi deixar de ir à escola para trabalhar.*

Em relação às desistências dos/as filhos/as do processo de escolarização, a educanda Berenice, 74 anos, pós-alfabetização, comentou:

Antigamente era mais difícil estudar, hoje tem mais facilidades, tem até dinheiro para o aluno, além de ônibus e outras condições. Agora meus filhos não podem estudar porque têm filhos pequenos e têm que trabalhar dobrado pra sustentar a família. Espero que, quando os filhos deles estiverem criados, eles possam estudar assim como eu estou fazendo agora, pois nunca é tarde.

Boa parte dos/as filhos/as mora com os pais e mães, mesmo os/as casados/as. A quantidade de pessoas que reside na mesma casa varia entre duas ou mais de oito pessoas. Do total de pesquisados/as, 77% residem com até cinco pessoas no mesmo espaço físico.

Em relação ao trabalho, os/as educandos/as do MEBIC reconhecem a importância da contribuição deles/as para a renda da família: 53% dos/as educandos/as que declararam estar trabalhando à época da pesquisa; todos/as contribuía com as despesas domésticas e exercem as mais variadas atividades: pedreiro, servente de pedreiro, gari, vendedor/a ambulante, feirante, lavrador/a, doméstica e outras.

Muitos trabalham numa jornada de oito horas ou mais seguidas, logo, apresentam-se cansados durante o período das aulas. Quando ocorrem mudanças de local de trabalho, acarretando-lhes dificuldade de deslocamento, a tendência é interromper os estudos, às vezes apenas temporariamente. Acerca do local da escola e o trabalho, verificamos ainda duas situações relativas à relação entre gênero, trabalho e escolarização, a saber: 1) as mulheres que, em sua maioria, trabalham como domésticas, quando mudam de local de trabalho para bairros distantes da residência, tendem a abandonar o MEBIC; 2) os homens que trabalham na construção civil e nas lavouras, quando terminam uma obra ou colheita próxima da localidade onde residem e vão trabalhar em locais distantes, terminam também por deixar o MEBIC. Alguns voltam no mesmo ano, outros não voltam mais. Isso aparece nas falas dos/as entrevistados/as:

Fiquei 30 dias viajando a trabalho, quando cheguei, vim correndo para o MEBIC, estou cansado, mas não posso perder mais tempo. Eu quero agradecer até uma colega minha que ficou com meu caderno e copiou todos os assuntos pra mim. Quando a gente perde um mês de aula, a gente perde o

fiu da meada. Inclusive, eu tive agora várias propostas de trabalho em outros lugares, mas eu dispensei, por causa da escola [...]. Vai chegar um dia que os professores vão fadigar e perder a boa vontade e a tolerância comigo, então não posso abusar (risos). (Mateus, 37 anos, pós-alfabetização).

[...] trabalho como doméstica e estudo no MEBIC há oito anos. Então, duas vezes ao ano (janeiro e julho) tenho que ir a Salvador ficar com os filhos dos patrões. Na minha idade não posso perder o emprego, então não posso deixar de ir trabalhar. Às vezes eu falto mais de um mês de aula no MEBIC, mas, quando volto de Salvador, vou direto para o MEBIC, nem descanso. Sabe o que eu gosto é que as educadoras me recebem de braços abertos, não reclamam, perguntam como foi a viagem e fazem uma festa (risos). Teve um ano também que eu nem terminei o ano no MEBIC e eu fui para Curitiba cuidar de minha filha que ganhou nenê. No ano seguinte eu retornei, sabe, na minha idade não quero ir para o Colégio, só quero não esquecer o que já aprendi e aprender mais (Dona Isabel, 55 anos, pós-alfabetização).

A destituição do emprego, agora muito mais visível e diretamente associada às transformações dos processos de trabalho, atinge os/as jovens maciçamente, ampliando-lhes as dificuldades de entrada no mercado de trabalho e obtenção de salários justos. Assim, uma vez empregados, permanecem nos postos que conseguem ocupar. Os mais idosos não escapam dessa situação, principalmente, aqueles/as cujos níveis de escolaridade, um dos requisitos exigidos pelo novo modelo produtivo, são mais baixos.

Além disso, a demora em encontrar um novo emprego, ou mesmo ausência de perspectivas na conquista de um novo emprego, é uma ameaça ao desempregado. Alguns buscam auxílio financeiro-familiar para pagamento de possíveis prestações. Alguns direitos, como saúde, alimentação, transporte, lazer são findados quando são demitidos/as. Da mesma forma, aqueles/as que nunca se inseriram no mercado de trabalho vivem angustiados à espera de conseguir um emprego ou estágio. Muitos são obrigados a incluir-se no rol dos trabalhos temporários, precários, sem contrato, sem segurança.

Apesar da precarização do trabalho, exercer uma atividade produtiva que garanta algum ganho é parte das expectativas dos/as educandos/as, mesmo que essa atividade não lhes garanta o usufruto dos direitos trabalhistas. No caso do MEBIC, apenas 8% dos/as educandos/as possuem carteira assinada. Além da atividade semanal, alguns ainda declararam fazer *bicos* nos fins de semana. A renda mensal não possibilita aos/às educandos/as jovens e adultos o acesso a determinados bens culturais.

Nessa direção, Marcos (37 anos, pós-alfabetização) relatou que era mecânico e precisava muito do estudo para ser um bom profissional. Segundo ele, os carros de hoje não são como os de antigamente. Para consertar os carros modernos, explicou-nos, precisa saber lidar com o computador. Desse modo, precisa saber ler, escrever e compreender bem o que leu. Por

fim, acrescentou: *Antes, pensava que o que sabia estava bom, mas agora percebo que preciso me informar cada vez mais para realizar bem o meu trabalho.* Segundo ele, a tecnologia o surpreende cada vez mais, então, deseja acompanhar os avanços e, para isso, acredita que necessita-se do estudo. Com orgulho, confessou-nos que o patrão o considerava inteligente, curioso e eficiente no trabalho, por isso, o incentivava a estudar para que tenha maior habilidade para lidar com os carros sofisticados: *Sabe como é, a gente pode ser competente, ter o dom, mas, se tem pouco estudo, o patrão e, principalmente, o dono do carro, não dá muita credibilidade. O defeito eu percebo com os sentidos, com a intuição, coisa que mecânico com muito estudo não consegue ver e sentir [...].*

Com referência às questões de inserção dos/as educandos/as do MEBIC no ensino regular noturno oferecido pela Rede Municipal de Ensino, constatamos, também, que uma das maiores dificuldades relaciona-se à adaptação e ao receio de não acompanhar o processo de aprendizagem na modalidade ensino regular noturno, tendo de conciliar, ao mesmo tempo, estudo, família e trabalho. Em alguns casos, a necessidade da autorrealização, do crescimento pessoal e profissional, de maior reconhecimento no grupo social, bem como o desejo de concluir a Educação Básica para poder acompanhar e ajudar os filhos na escola, foram destacados como pontos que os motivavam a ingressar e permanecerem na escola.

De acordo com os relatos dos educandos do MEBIC que desejam continuar os estudos na Rede Municipal de Ensino de Guanambi, esperam encontrar escolas que sejam acolhedoras e cuja organização do trabalho pedagógico seja acessível a eles/as e satisfaça as necessidades do trabalhador. Nas falas dos/as educandos/as, a escola pública de EJA deve ser progressivamente construída com base nos princípios da universalidade do acesso a uma cultura comum, da igualdade das oportunidades e da continuidade dos percursos escolares, isto é, uma escola aberta à diversidade dos sujeitos. Esperam que a escola procure educá-los, ou seja, emancipá-los pelo saber, integrar e praticar uma política ativa de justiça social em benefício, principalmente, dos que são pouco escolarizados.

Considerações finais

O cotejamento das práticas pedagógicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos no MEBIC emerge um conjunto de ações educativas, permeadas por princípios teóricos que aliam a alfabetização ao movimento da organização popular. Nessa concepção, o processo educativo é visto como emancipador à medida que promove a conscientização política dos setores

populares e incentiva a sua organização e autonomia.

O MEBIC é uma experiência de Educação Popular fundamentada e inspirada nos princípios da pedagogia freiriana. As práticas de leitura e de escrita no MEBIC não se reduzem a repetição mecânica das famílias silábicas, nem a memorização de uma palavra alienada, mas sim *a difícil aprendizagem de nomear o mundo* (FREIRE, 1981, p. 39). Compreende que aprender a ler e a escrever envolve reflexão e ação sobre a realidade na qual os sujeitos se encontram inseridos. Tendo em vista a natureza política do ato educativo, preocupa com a valorização da leitura de mundo, que, antecede a leitura da palavra feita, pelo sujeito jovem e adulto, como sempre deixou muito claro o educador Paulo Freire (1998).

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1981) caracteriza a educação como uma prática que pode conduzir à libertação. Como tal, essa prática implica uma concepção de ser humano e de mundo. Como seres históricos, inseridos no tempo e não imersos nele, os seres humanos se movem no mundo, sendo capazes de optar, decidir, valorar. Os espaços de educação escolar e não escolar, a partir de Freire (1987), são lugares da pergunta que instiga a busca e não a comunicação sobre um acontecimento. Trabalhar dessa forma exige, por parte dos/as educadores/as, humildade e coragem para se colocar no confronto quando o caminho epistemológico dos/as educandos/as assim reivindicar. Demanda, também, posicionamento ético e político e respeito ao saber e ao ponto de vista do outro.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Escola como espaço público: exigências humanas. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 121, p. 118-123, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: MEC, 1996.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Educação de Jovens e Adultos no Município de Guanambi/BA**. SMED, Guanambi, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da Participação Popular: análise da prática educativa do MEB (1961/1966)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 4).

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, princípios e proposta**. 2. ed. rev. São Paulo: IPF; Cortez, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito Contra o Analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARQUES, Tatyane Gomes. **Um pé na roça – outro na universidade: experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia – UNEB**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

MEBIC. **Relatório Síntese Anual**. 2000.

MEBIC. **Relatório Síntese Anual**. 2016.

MEBIC. **Projeto Político Pedagógico**. 2014.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **A inserção dos egressos da educação popular na escola pública: tensão entre regulação e emancipação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; MEIRA, Anita Monik Teixeira; MOITINHO, Cleidemar Ramos. (2018). História de vida de idosos no Ensino Superior: percursos inesperados de longevidade escolar. **Revista Exitus**, 8(3), 340-369.
<https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n3ID649>